

O DISCURSO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA COMO CONTRAPALAVRA NA LEITURA E CONSTRUÇÃO DO TEXTO JORNALÍSTICO EM TEMPOS DE NEGACIONISMOS

THE DISCOURSE OF SCIENTIFIC DISSEMINATION AS A COUNTER WORD IN THE READING AND CONSTRUCTION OF JOURNALISTIC TEXT IN TIMES OF DENIALISM

Diogo Gonçalves da Silva¹
Kátia Cilene Ferreira França²

RESUMO: O presente trabalho analisa o discurso de divulgação científica em textos jornalísticos a partir da perspectiva bakhtiniana que compreende a linguagem como atividade dialógica e a palavra como uma arena de lutas sociais entre sujeitos responsivos que constroem seus enunciados como réplica, como contrapalavra. O resultado alcançado por meio deste trabalho consiste no tom valorativo que a palavra pode carregar enquanto uma arena de lutas que, por meio do texto jornalístico, ocasiona vários confrontos. A análise das reportagens está pautada nos estudos enunciativos, na análise do discurso e na mobilização de conceitos e autores como o discurso citado, dialogismo e contrapalavra em (Bakhtin, 2006), divulgação científica e efeito leitor em (Orlandi, 2001) e jornalismo noticioso em (Correia, 2009).

PALAVRAS-CHAVE: contrapalavra; divulgação científica; texto jornalístico.

ABSTRACT: The present work analyzes the discourse of scientific dissemination in journalistic texts from the Bakhtinian perspective that understands language as a dialogical activity and the word as an arena of social struggles between responsive subjects who construct their utterances as a replica, as a counterword. The result achieved through this work consists of the evaluative tone that the word can carry as an arena of struggles that, through the journalistic text, causes several confrontations. The analysis of the reports is based on enunciative studies, discourse analysis and the mobilization of concepts and authors such as cited speech, dialogism and counterword in (Bakhtin, 2006), scientific dissemination and reader effect in (Orlandi, 2001) and news journalism in (Correia, 2009).

KEYWORDS: counterword; scientific divulgation; journalistic text.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

¹ Graduado em Linguagens e Códigos – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA. E-mail: dg_silva@discente.ufma.br

² Doutora em Estudos da Linguagem. Professora da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. E-mail: katiafranca@ufma.br



Essa discussão contribui para preparar leitores de um modo que eles saibam lidar com os discursos que circulam na mídia e chegam à população por meio de diferentes jornais, que promovem diferentes leituras, compreensões e incompreensões. Neste trabalho, o interesse não consiste em analisar textos que circulam como jornalismo científico, ou seja, aquele que se volta para pautas relativas à ciência e tecnologia, mas ao jornalismo noticioso. Nas palavras de Correia (2009, p.4) “um enunciado (não científico) que se assume como verdadeiro, ou seja, que apresenta e assume como tal e se refere a objetos, pessoas e estados de coisas do mundo”, possui um interesse coletivo, circula em espaços de acessibilidade, se baseia na atividade de divulgação e de cuidado em alcançar o grande público. Correia (2009) diz que o enunciado jornalístico é sério, no sentido de que aquele que escreve se compromete com a verificação do conteúdo, obedece a regras que possam garantir a verdade do que está sendo noticiado, dentre as regras está o levantamento de vozes, de fontes citadas com o intuito de validar o enunciado jornalístico.

A perspectiva de que os textos de divulgação científica guardam um efeito de cientificidade e a de que a materialidade discursiva desses textos deixa à mostra uma série de funções implícitas dos textos de divulgação científica, dialogam com a concepção de que é preciso desconstruir a ideia de obviedade de sentidos e entender a língua como estrutura e acontecimento discursivo, como uma atividade dialógica de interação. Essa concepção bakhtiniana ganha destaque porque considera que todo dizer é responsivo, o que eu digo retoma já ditos e simultaneamente se projeta para a construção de novos enunciados. Para melhor analisar e perceber a presença de enunciados de divulgação científica é necessário delimitar um campo específico que, neste trabalho, consiste no campo jornalístico inserido ao contexto das mídias digitais.³

A observação, levantamento e análise de reportagens têm nos mostrado que as vozes de diferentes fontes, em matérias que tratam da crise de saúde enfrentada pelos Yanomamis, são mobilizadas como discursos vindos de diferentes esferas sociais, fato que torna tais matérias jornalísticas como uma arena de lutas na qual a voz do cientista aparece como oposta às vozes de representantes de diferentes instâncias de poder. Ao gerenciar as vozes, o jornalista faz do discurso citado um ponto de observação e de problematização sobre o discurso de divulgação científica

³Ianomâmis, Yanomâmis, Yanomami, Yanoman ou Yanoama, entre outras denominações, são um grupo de aproximadamente 35 mil indígenas que vivem em cerca de 200 a 250 aldeias na floresta amazônica, na fronteira entre Venezuela e Brasil.



Revista Interdisciplinar

como contrapalavra em tempos de negacionismo da ciência, sobre as representações do discurso científico e sobre o efeito de cientificidade (Orlandi, 2001).

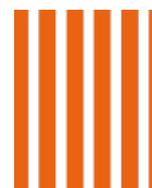
Os objetivos desta pesquisa são analisar o modo como o discurso de divulgação científica, enquanto contrapalavra é mobilizado na construção de matérias jornalísticas direcionadas ao grande público durante a crise de saúde enfrentada pelos indígenas Yanomamis no Norte do Brasil. Verificar quem são os enunciadores originais dos discursos citados e quais são os lugares de origem. Discutir sobre a relação entre funcionamento e função do discurso de divulgação científica. Observar os efeitos de sentido do discurso de divulgação científica em textos jornalísticos.

Esta pesquisa está centrada na concepção bakhtiniana que compreende a linguagem como uma atividade dialógica, a palavra como uma arena de lutas sociais entre sujeitos responsivos que adotam diferentes posições valorativas e constroem seus enunciados como réplica, isto é, como contrapalavra. Além disso, essa concepção engloba as discussões seguintes sobre palavra, contrapalavra e alteridade com ênfase nas diferentes posições valorativas adotadas pelos sujeitos no ato da enunciação, contribuindo, de acordo com Bakhtin (2006), para que a palavra funcione como uma ponte lançada entre o eu e o outro.

2. METODOLOGIA

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa classifica-se como sendo de abordagem qualitativa justamente por não ficar presa somente a métodos e técnicas, mas por ser voltada para um percurso reflexivo e interpretativo. Ela também pode ser considerada como uma pesquisa bibliográfica e documental porque, segundo Gil (2002), ela é construída através de material já elaborado. Esta investigação se volta para o discurso de divulgação científica enquanto contrapalavra na leitura e construção de textos jornalísticos que circulam na mídia digital. O primeiro passo foi delimitar as reportagens que seriam analisadas, sendo necessário fazer um levantamento entre vários jornais online e selecionar apenas as reportagens dos jornais Poder360, BBC News, Um Só Planeta e Agência Câmara Notícias.

Todas as reportagens são matérias jornalísticas que abordam o cenário de devastação do meio ambiente e, como consequência disso, elas retratam a crise humanitária enfrentada pelos indígenas Yanomami no Norte do Brasil, deixando explícito o diálogo dos especialistas que se opõem à situação e apontam como principal culpado o governo federal do período em questão. O

ISSN: 2448-0916

Revista Interdisciplinar

segundo momento ficou destinado para o recorte dos dados com ênfase na relação de confrontos evidentes ao longo de cada reportagem. Além disso, houve um momento de associação entre a teoria dialógica de Bakhtin (2006) e o discurso exposto no texto jornalístico.

Esta pesquisa também sugere que o texto jornalístico seja visto não só como apenas um espaço de divulgação de notícias, mas que ele seja visto como um espaço que deixa evidente várias vozes permitindo que elas se alternem e possibilitem o confronto entre os enunciadores. Ela faz com que os leitores vejam além das obviedades e passem a enxergá-lo como um suporte de divulgação do conhecimento científico, sempre destacando a importância da ciência em uma sociedade em desenvolvimento como a nossa.

3. CONTRAPALAVRA

A contrapalavra apresenta-se, segundo Bakhtin (2006), como uma réplica de um diálogo ou resposta a um enunciado já produzido anteriormente. Nesse sentido, vale observar a forma como essa réplica ou essa resposta estão colocadas para responder aos enunciados anteriores, visto que elas podem ser manifestadas por meio de uma afirmação, negação, concordância ou discordância e funcionam a partir da alternância dos sujeitos, das posições valorativas e das fronteiras estabelecidas entre os enunciados.

Com isso, a contrapalavra pode ser vista na fala e na escrita de forma externa, mas também há a possibilidade de ela não ser externalizada. Ao não ser externalizada ela funciona como uma forma apenas de ouvir. Por exemplo, há um locutor que fala e há também um interlocutor que apenas ouve sem externalizar por meio de palavras, mas mesmo assim, ao pensar, o interlocutor está pensando em uma réplica relacionada àquele enunciado.

Já nas outras formas de contrapalavra, a resposta falada ou escrita é tida como certa. É um processo que depende de mais de um falante para poder fazer sentido porque quem fala, está falando direcionado para alguém e quem ouve está respondendo. Os sujeitos sempre vão falar de acordo com o último enunciado proferido por um determinado sujeito e isso resulta em um processo de fala e de escuta, os sujeitos ouvem para depois falar, é uma fala baseada nos outros. “Todo enunciado é resposta a outro enunciado dado e suscita respostas de outros que virão” (Ribeiro; Sobral, 2021, p.5).



Assim, os sujeitos falantes estão em contato direto com as palavras dos outros, sempre falam atendendo as necessidades alheias, visto que as palavras dos outros na interação, significam respostas a posições valorativas diferentes e o falante deve conhecer essas posições para poder responder ao outro, mas de uma forma que sua resposta ganhe nova roupagem e se expanda a outros horizontes.

Volochinov (2017, p.15) postula, sobre a contrapalavra, “que um enunciado é atravessado pela ressonância longínqua e quase inaudível da alternância dos sujeitos falantes e pelos matizes ideológicos, pelas fronteiras extremamente tênues entre os enunciados”. Assim sendo, à contrapalavra estão anexadas essas características só que, especificamente, chamando atenção para a alternância dos sujeitos falantes, que ora ouvem, ora falam e ora respondem. Vale chamar atenção também para a questão da entonação. Ela diz muito sobre quem fala e quem responde. Ambos os sujeitos envolvidos na situação dialógica precisam saber dar a entonação adequada às suas falas para que elas possam fazer sentido e para que o sujeito que vai responder atribua uma posição valorativa ao que o outro disse.

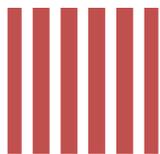
Com isso, constata-se que não há um Adão bíblico que falou primeiro, os discursos sempre estão voltados para o que já foi dito antes. Quem fala na situação dialógica sempre está atravessado pela fala dos outros, o que faz com que a contrapalavra no dialogismo esteja sempre em alta, especialmente por se tratar de uma situação comunicativa de produção de enunciados e esses enunciados estão sempre respondendo e se projetando a enunciados outros.

A contrapalavra é o encontro entre dois sujeitos que enxergam, em alguns casos, o outro como algo diferente. Ela é carregada de entonações e posições valorativas que são respondidas por meio da alternância dos sujeitos com o uso de afirmações, contradições, negações. Os sujeitos são colocados em situação de conversa a partir de um enunciado, e nesse enunciado, é possível observar as fronteiras da fala do outro, da fala de quem responde.

4. ANÁLISE DOS DADOS

A análise será voltada para o discurso de divulgação científica como contrapalavra ao discurso difundido por representantes do governo em questão. Ela vai colocar em questão o discurso negacionista do então Ministro do meio ambiente, em abril de 2020, e em seguida, vai mostrar o discurso do cientista como contrapalavra, isto é, como resposta ao discurso do governo.



**Revista Interdisciplinar**

Nesse sentido, o discurso de divulgação científica é utilizado nas notícias para responder e mostrar como o discurso do então ministro do meio ambiente contribuiu para o agravamento da situação.

Reportagem 1

O ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, disse o seguinte na reunião ministerial de 22 de abril:

Então pra isso precisa ter um esforço nosso aqui enquanto estamos nesse momento de tranquilidade no aspecto de cobertura de imprensa, porque só fala de covid, e ir passando a boiada e mudando todo o regramento e simplificando normas. De IPHAN, de ministério da Agricultura, de ministério de Meio Ambiente, de ministério disso, de ministério daquilo. Agora é hora de unir esforços pra dar de baciada a simplificação de regulatório que nós precisamos, em todos os aspectos. E deixar a AGU (Advocacia Geral da União) de stand by pra cada pau que tiver – porque vai ter essa semana mesmo nós assinamos uma medida a pedido do ministério da Agricultura, que foi a simplificação da lei da Mata Atlântica, pra usar o código florestal. Hoje já tá nos jornais dizendo que vão entrar com ações judiciais e ação civil pública no Brasil inteiro contra a medida. Então pra isso nós temos que tá com a artilharia da AGU preparada pra cada linha que a gente avança ter uma coisa.

Mas tem uma lista enorme, em todos os ministérios que têm papel regulatório aqui, pra simplificar. Não precisamos de Congresso. Porque coisa que precisa de Congresso também, nesse, nesse fuzquê que está aí, nós não vamos conseguir aprovar. Agora tem um monte de coisa que é só, parecer, caneta; parecer, caneta.

Sem parecer também não tem caneta, porque dar uma canetada sem parecer é cana. Então isso aí vale muito a pena.

Fonte: Jornal online Poder360 (2020)

Na primeira reportagem logo na chamada temos: **Salles sugere “ir passando a boiada” para mudar regras durante a pandemia.** Nessa fala pode-se observar o trabalho do jornalista preocupado em fazer a divulgação da notícia, e para isso, ele tem a necessidade de checar os fatos e a fonte para poder desenvolver, como diz Correia (2009), um jornalismo crítico e noticioso. Assim, é a tarefa do jornalista usar a fala de quem gerou a notícia para poder lhe atribuir um grau de verdade.

Inerente a esse princípio de relevância está também o princípio da atualidade. Dessa forma, é preciso levar em conta a situação atual do momento da notícia: o início do pico de transmissão do vírus da Covid-19, em abril de 2020. Nesse período, a grande mídia, assim como a população em geral, estava voltada, em sua completude, para os casos da doença e os números crescentes de contaminação no Brasil. Enquanto isso, o governo federal, que desde o início negou a doença, fazia reuniões para flexibilizar as leis e favorecer o desmatamento, que também foi negado durante todo o seu governo.



Ainda cabe ressaltar outro fator importante atrelado à relevância e à atualidade: a definição de uma notícia. Como já foi dito anteriormente, uma notícia depende de um contexto de relevância cultural e social e que seja atual. Junto a esse contexto vem a questão cultural e social. Por que a notícia em questão constitui-se enquanto notícia? A resposta é simples: porque ela está dependendo do contexto social e cultural para poder significar. É o que fala Correia (2009, p.09) sobre notícia, “é aquilo que possui suficiente relevância e depende da própria estrutura da sociedade”.⁴

O contexto social e cultural em que ela está inserida é um ambiente de desconfiança e que o negacionismo ganha força. O contexto social diz respeito à forma que as pessoas e a grande mídia caracterizavam o governo Bolsonaro, um governo, até então, marcado pela negligência do conhecimento científico e que levantava dúvidas sobre uma possível forma desdenhosa que o mesmo tratava as questões ambientais.

Dessa forma, os jornais que circulam em diferentes meios de comunicação e por distintos suportes são fontes de informação do povo brasileiro em ficar por dentro da situação política do país, sobre os fatos que receberam destaque na mídia. Nesse sentido, vê-se a importância dos jornais divulgarem a notícia, principalmente por se tratar de notícias relacionadas aos modos como o presidente Bolsonaro e seus ministros conduzem as questões relacionadas aos problemas do povo, causam interesse e repercutem.

O discurso citado, retomado na construção da notícia, é colocado em *itálico* no sentido de preservar a fala, de usar as palavras do Ministro. O *itálico* dá destaque, faz a denúncia do descaso, mostra pela citação direta que não se trata de uma interpretação equivocada do jornalista. A atitude compreensiva e a interpretação do absurdo, parte do leitor. Um governo que é especialista em acobertar e silenciar as medidas de proteção ao meio ambiente.

Nessa mesma reportagem também é possível chamar atenção para as formas de discursos que a constituem, discurso direto e discurso indireto. No título, na chamada da reportagem, temos a presença do discurso citado direto da fala do Ministro Salles em **“ir passando a boiada”** que remete ao seu enunciador original, o então ministro do Meio Ambiente. E ao longo de toda matéria esse fenômeno vai continuar. Na notícia, a fala direta de Salles forma a maior parte do texto. Na maioria das vezes, quem sempre fala é o Ministro e o jornalista ocupa apenas a posição de mediador

⁴ <https://www.poder360.com.br/governo/>. Último acesso em 06 de março de 2024.



Revista Interdisciplinar

que organiza as falas de um modo que os enunciados do Ministro estejam representando os ideais do governo.

Dessa forma, a contrapalavra fica evidente. O ministro, segundo Bakhtin (2006), sempre vai falar atendendo aos enunciados já ditos pelo governo, sempre vai responder a esses enunciados sugerindo a asfixia da lei e, por conseguinte, replicando os pensamentos que o chefe do executivo e seu grupo compartilham, como se lê em: *Então pra isso precisa ter um esforço nosso aqui enquanto estamos nesse momento de tranquilidade no aspecto de cobertura de imprensa, porque só fala de covid, e ir passando a boiada e mudando todo o regramento e simplificando normas. De IPLAN, de ministério da Agricultura, de ministério de Meio Ambiente, de ministério disso, de ministério daquilo. Agora é hora de unir esforços pra dar de baciada a simplificação de regulatório que nós precisamos, em todos os aspectos.*

Nesse trecho em destaque é possível ver que a fala do Ministro Salles está associada aos discursos propagados pelo governo federal sobre o meio ambiente que, em alguns casos, inclusive, chegou a falar que o meio ambiente deveria ser explorado para o país poder crescer, eles defendiam a ideia de exploração e desmatamento como um modo de “melhorar” o desempenho econômico do Brasil. Essa fala, no entanto, vai não está de acordo com o que dizem os pesquisadores, cientistas e ambientalistas que, por sua vez, defendem sobre a uma exploração sustentável, caso contrário, as consequências locais e globais do desmatamento comprometerão a sobrevivência de comunidades e povos indígenas.

No discurso do então Ministro Salles, do meio ambiente, a contrapalavra manifesta-se como eco a uma réplica do enunciado produzido pelo governo federal, sua fala também é mostrada em forma de concordância com os ideais políticos de um grupo que coloca o lucro imediato e irracional acima do bem estar da sociedade. O discurso do governo federal em 2022 é marcado pelo negacionismo sob várias formas, principalmente através da fala do presidente Bolsonaro, enquanto a réplica do ministro do meio ambiente é marcada por fronteiras linguísticas que funcionam na palavra materializada.

Na entonação utilizada pelo ministro, observa-se que a sua intenção, além de replicar um discurso excludente e responder ao discurso do palácio do planalto, é realizar uma ação camuflada, acobertada sem que nem a mídia e nem a população tenha conhecimento. Se não fosse o tom utilizado nessa conversa, a compreensão poderia ser outra, mas como trata-se de uma situação de



Revista Interdisciplinar

comunicação, a compreensão da palavra alheia só acontece por meio do dialogismo, em que se pode atribuir múltiplos sentidos a um enunciado, como é o caso do enunciado anterior.⁵

Reportagem 2



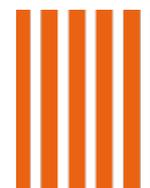
Fonte: Jornal online Um Só Planeta (2023)

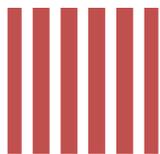
Na segunda reportagem a devastação da Amazônia ganha destaque, em especial, por estar diretamente ligada à situação em questão. Entender a crise de saúde entre indígenas Yanomami e o que a devastação na Amazônia tem a ver com isso, evoca amplas discussões a respeito do contato entre comunidades indígenas isoladas e as demais pessoas, que nesse caso, são os garimpeiros. E através deles chegam também vários tipos de doenças que se agravam ainda mais quando a assistência médica é negada.

Mais uma vez o negacionismo fica claro. O discurso científico é usado para se contrapor e desconstruir a ideia de flexibilização das normas protetivas ao meio ambiente e mostrar que essa crise só se agravou por conta do avanço do desmatamento e do garimpo ilegal, destruindo a fauna e a flora local e contaminando o solo através do manejo inadequado de alguns minérios. Observa-se, além do negacionismo científico, o negacionismo ambiental também.

Esse fator pode ser constatado através da fala dos pesquisadores. **Haroldo Epifânio de Souza e Zedequias de Oliveira Júnior afirmam que, para os Yanomami, a superexploração do ouro e os ideais que surgem disso "propagam o sentimento de dor e lamento, pois**

⁵ <https://umsoplaneta.globo.com/sociedade/noticia/2023/01/23/>. Último acesso em 06 de março de 2024.





Revista Interdisciplinar

devido aos problemas do garimpo, [os indígenas] tornaram-se perdidos e levados para longe das suas relações com os seus ancestrais, os quais os ajudam a estar no mundo".⁶

Esse enunciado apresenta-se como contrapalavra ao discurso do governo federal, que em 2020, já começava a negar a existência dessas comunidades isoladas ao permitir que os garimpeiros explorassem de forma indevida os recursos da floresta e, posteriormente, causando grandes problemas para os povos indígenas. A palavra garimpo é posta aqui, de acordo com Bakhtin (2006), como um signo ideológico, pois ela reflete e refrata uma realidade que lhe é exterior. Garimpo, nesse caso, representa destruição, morte, dor, apagamento da identidade da comunidade e até mesmo exploração sexual.

Reportagem 3

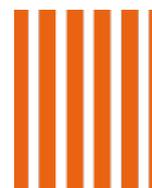
'A pior situação humanitária que já vi': os relatos de médico que foi atender os yanomami

André Biernath - @andre_biernath
Da BBC News Brasil em Londres

"Nosso objetivo era fazer um diagnóstico rápido da situação e criar um plano de ação para mitigar ou resolver essas questões, em parceria com o Ministério da Saúde e as lideranças yanomami", contextualiza o médico, em entrevista à BBC News Brasil.

"O que vimos foi uma situação muito precária em termos de saúde, com pacientes acometidos por desnutrição grave, infecções respiratórias, muitos casos de malária e doenças diarreicas. Junto a isso, uma escassez de equipes e de estrutura", relata.

⁶ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil>. Último acesso em 06 de março de 2024.



Fonte: Jornal online BBC News (2023)

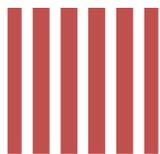
Na terceira reportagem observa-se o relato de um médico especialista em doenças tropicais que diz ter presenciado **'A pior situação humanitária que já viu'**. **O médico tropicalista André Siqueira, do Instituto Nacional de Infectologia da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), estava em terras Yanomami desde segunda-feira (16/1). Nos últimos dias, ele diz ter testemunhado "a pior situação de saúde e humanitária" que já viu.** Além de ser o relato de um médico, trata-se de um médico que está vinculado a uma instituição nacional de pesquisa e desenvolvimento em ciências biológicas. É um discurso, de acordo com Orlandi (2001), que confere credibilidade à notícia por ser de um médico que pertence a uma instituição de renome e é especialista em doenças tropicais, que são as doenças que os Yanomamis enfrentaram.

Enviado ao local pela Organização Pan-Americana de Saúde (Opas-OMS), o especialista em malária visitou o polo-base de Surucucu, em Roraima, e passou por outras comunidades da região. Por meio dessa fala é possível observar que a crise humanitária na comunidade Yanomami mobilizou toda a comunidade internacional como, por exemplo, a Organização Pan-Americana de Saúde, contra o negacionismo que agravou a crise na comunidade indígena.

"Nosso objetivo era fazer um diagnóstico rápido da situação e criar um plano de ação para mitigar ou resolver essas questões, em parceria com o Ministério da Saúde e as lideranças Yanomami", contextualiza o médico, em entrevista à BBC News Brasil. A fala do médico deixa claro que ele próprio não imaginava que a situação era tão desoladora como ele presenciou, principalmente porque o mesmo esperava fazer um diagnóstico rápido da situação e ao se deparar com ela houve um estado de espanto, ao saber que seria necessário mais tempo do que o imaginado para poder controlar a situação.

"O que vimos foi uma situação muito precária em termos de saúde, com pacientes acometidos por desnutrição grave, infecções respiratórias, muitos casos de malária e doenças diarreicas. Junto a isso, uma escassez de equipes e de estrutura", relata. Nesse outro fragmento é evidente o negacionismo da saúde dos povos indígenas por meio da fala de um médico especialista em doenças tropicais que mostra além das doenças que o povo Yanomami





Revista Interdisciplinar

enfrenta, eles sofrem primeiro com a falta de equipes capacitadas e a falta de estrutura para atender as pessoas e combater as doenças. Essa falta de equipes e de estrutura são consequências do governo anterior que facilitou a devastação das terras que deveriam ser demarcadas e entregues à comunidade.⁷

A contrapalavra, nesse sentido, se apresenta como uma réplica ao discurso do então ministro do meio ambiente, em 2020, que falava “em passar a boiada” e também como réplica à retórica do governo federal que negligenciou a demarcação das terras indígenas durante quatro anos. A demarcação dessas terras é uma das maneiras dos povos indígenas se manterem isolados e preservarem sua verdadeira identidade sem a interferência de outras pessoas. Nessa reportagem observa-se um discurso que retoma outros discursos anteriores, como é o caso do discurso do ministro do meio ambiente, em 2020, e ao mesmo que ela retoma esses já ditos, ela se mostra como contrapalavra justamente por responder ao discurso do outro.

Reportagem 4

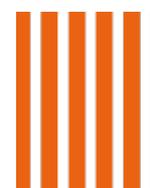
DIREITO E JUSTIÇA

Terra Yanomami é palco de “tragédia humanitária”, dizem especialistas

Área é marcada por garimpo ilegal, violência sexual de mulheres e crianças, ameaças de morte e desestruturação dos postos de saúde

14/07/2022 - 20:23

⁷ <https://www.camara.leg.br/noticias/> . Último acesso em 06 de março de 2024.



Entidades indigenistas e socioambientais denunciaram uma “tragédia humanitária” em curso na Terra Indígena Yanomami, durante audiência da [comissão externa](#) da Câmara dos Deputados nesta quinta-feira (14). A área, que ocupa partes dos estados de Roraima e Amazonas, é marcada por garimpo ilegal de ouro e cassiterita, violência sexual de mulheres e crianças, ameaças de morte e desestruturação dos postos de saúde.

O geógrafo e analista do Instituto Socioambiental (ISA) Estevão Senra apresentou dados atualizados do [relatório “Yanomami sob Ataque”](#): até abril deste ano, já havia 4 mil hectares impactados pelo garimpo ilegal dentro da terra indígena e mais de 40 pistas clandestinas a serviço de garimpeiros e narcotraficantes.

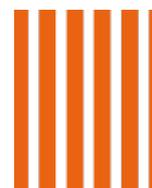
Em 2021, a região registrou quase 50% dos casos de malária do País e hoje existem cerca de 3 mil crianças com déficit nutricional, segundo Senra. “Hoje, a Terra Indígena Yanomami é palco de uma das maiores tragédias humanitárias que estão ocorrendo no Brasil. Os dois vetores principais dessa crise são o avanço do garimpo ilegal e a má gestão do distrito sanitário, que se entrelaçam e vão se realimentando”, disse.

Fonte: Jornal online Agência Câmara de Notícias (2022)

Terra Yanomami é palco de “tragédia humanitária”, dizem especialistas. Área é marcada por garimpo ilegal, violência sexual de mulheres e crianças, ameaças de morte e desestruturação dos postos de saúde. Aqui nessa reportagem é possível detectar a fala dos especialistas de forma direta. Ela está posta assim porque o jornalista tem a intenção de chamar a atenção dos leitores e também para que o enunciado dessa matéria ganhe credibilidade, isto é, os especialistas falam em “tragédia humanitária” enquanto pessoas que tem autoridade porque eles conhecem melhor que os demais os reais motivos que causaram essa crise. Adiante, o jornalista expõe de forma indireta as causas dessa crise como, por exemplo, o garimpo ilegal, violência sexual de mulheres e crianças e ameaças de morte e desestruturação dos postos de saúde. Todos esses fatores são consequências da não demarcação das terras indígenas e da flexibilização de medidas protetivas à floresta amazônica.

Entidades indigenistas e socioambientais denunciaram uma “tragédia humanitária” em curso na Terra Indígena Yanomami, durante audiência da comissão externa da Câmara dos Deputados nesta quinta-feira (14). Apesar das demais reportagens serem datadas de 2023, esta última é do dia 14 de julho de 2022. Ela mostra que muito antes da grande mídia noticiar a situação desoladora que os yanomamis viviam, a câmara dos deputados já tinha conhecimento da situação e a debatia por meio de uma audiência. O discurso das entidades

ISSN: 2448-0916



Revista Interdisciplinar

e dos especialistas se apresenta como um discurso apoiado cientificamente, um discurso construído baseado em estudos e pesquisas que vai ser usado para se contrapor ao discurso negacionista durante a leitura e construção do texto jornalístico.

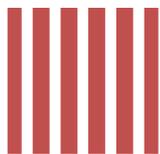
O geógrafo e analista do Instituto Socioambiental (ISA) Estevão Senra apresentou dados atualizados do relatório Yanomami sob ataque: até abril deste ano, já havia 4 mil hectares impactados pelo garimpo ilegal dentro da terra indígena e mais de 40 pistas clandestinas a serviço de garimpeiros e narcotraficantes. Nesse outro fragmento a fala de um geógrafo é usada para conferir um grau de verdade ao que está sendo dito, isto é, utiliza-se um relatório elaborado por esse geógrafo para mostrar que até em abril de 2022, quase um ano antes da crise se agravar, já havia 4 mil hectares impactados pelo garimpo ilegal na terra indígena. Essa é uma das consequências da flexibilização anunciada em 2020.

No decorrer da notícia, observa-se que o discurso citado direto do geógrafo sustenta a ideia de que a terra yanomami é palco de uma das maiores tragédias humanitárias do país, isso em julho de 2022. Além do garimpo ilegal, há também a má gestão do distrito sanitário, como aponta a pesquisa do geógrafo. Essa má gestão está atrelada às pessoas que são coibidas a não prestarem socorro ou então a desviarem o material que seria destinado aos indígenas para tratar as doenças dos garimpeiros.

O vice-presidente da Hutukara Associação Yanomami (HAY), Dário Kopenawa, citou o caso da comunidade Homoxi para mostrar o avanço do garimpo ilegal sobre área que deveria estar protegida. **“A comunidade e o garimpo ficam muito próximos e, por isso, as nossas crianças estão tomando água contaminada por mercúrio, 615 yanomamis foram ameaçados de morte, os garimpeiros tomaram conta do posto de saúde yanomami.**No fragmento *“os garimpeiros tomaram conta do posto de saúde”* é possível ver que a falta de medicamentos e de estrutura que não chega aos indígenas é usada pelos garimpeiros, que tomam posse dos recursos que seriam destinados à comunidade indígena.

O líder yanomami também fez um apelo aos parlamentares. **“Tem facção, crime organizado e PCC: então, isso existe na Terra Yanomami. Parlamentares, pressionem o governo federal para que retirem imediatamente os garimpeiros ilegais. Isso é para ontem”.** O discurso do vice-presidente da associação yanomami responde à inquietação levantada





Revista Interdisciplinar

no parágrafo anterior porque trata-se não somente de simples garimpeiros, mas de garimpeiros altamente armados que fazem parte de facções do crime organizado.

A contrapalavra aqui mostra-se à altura do que o ministro do meio ambiente falou em 2020. Ao dizer que era o momento ideal para “passar a boiada” ele não estava referindo-se apenas a flexibilização das medidas protetivas, mas sim em relação ao avanço do garimpo ilegal em todas as suas formas como, por exemplo, máquinas pesadas, armamentos, explosivos e grupos organizados que dominam determinadas áreas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar como a contrapalavra manifesta-se em enunciados jornalísticos que circulam na grande mídia implica pensar nas formas de réplica que, por meio do diálogo, se opõem à palavra do locutor. Na mobilização de vozes que compõem esses enunciados é possível observar que o discurso citado, principalmente o discurso dos especialistas, é colocado como uma contrapalavra ao discurso negacionista do governo federal. Vale ressaltar também a importância de analisar a forma como as vozes dos especialistas são mobilizadas no texto jornalístico. Elas são utilizadas, como diz Orlandi (2001), com o intuito de garantir a verdade do que está sendo noticiado, mas não se limita somente a isso, essas vozes são mobilizadas como opostas às vozes dos integrantes do governo.

Ao explorar as reportagens que mostravam o confronto entre a fala dos especialistas e a fala do governo federal fica explícito o negacionismo da crise humanitária enfrentada pelos indígenas Yanomami e, simultaneamente, o negacionismo ambiental. Esse fator contribui para que seja possível explorar o texto jornalístico, permitindo aos leitores ver além das obviedades e lançar luz sobre as trevas do negacionismo científico. Por outra perspectiva, há muitas vozes nesses enunciados que ficam camufladas por trás das palavras postas pelo jornalista, mas que devem passar a ser analisadas por um viés dialógico e ideológico, tomando-as como representantes do diálogo vivo com suas diferentes posições valorativas.

Assim sendo, a análise do texto jornalístico proporciona ao leitor múltiplas formas de ler e interpretar o discurso de divulgação científica na construção do texto jornalístico. Uma dessas múltiplas formas é observar o uso das marcações, da voz do outro e da alternância dos sujeitos,



Revista Interdisciplinar

que tornam o leitor um sujeito crítico, comprometido com o discurso científico e que tenha consciência das vozes que são mobilizadas e se confrontam. Além disso, o discurso de divulgação na construção do texto jornalístico possibilita que o leitor seja capaz de lidar com os diferentes tipos de discursos que circulam na mídia e repercutem na sociedade provocando diferentes leituras e compreensões

REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRAIT, Beth. **Bakhtin: Conceitos-chave**/Beth Brait, (org), 2ª Ed. – São Paulo: Contexto, 2005.

CORREIA, João Carlos. **Teoria e Crítica do Discurso Noticioso**: notas sobre Jornalismo e representações sociais. Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

RIBEIRO, Pollyanne Bicalho; SOBRAL, Adail. **Eu, o outro (Outro) e o vazio na constituição da representação identitária**. D.E.L.T.A., p.37-1, 2021.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. **A contrapalavra no gênero charge**: uma análise a partir de Bakhtin e o círculo. Revista Prolíngua, Volume 12 - Número 2- out/dez de 2017.

ORLANDI, Eni. **Divulgação Científica e efeito leitor: uma política social urbana**. In: GUIMARÃES, E. (org.) **Produção e Circulação do Conhecimento** (Política, Ciência, Divulgação). V. II. Campinas, SP: Pontes, 2001. p. 149-162.

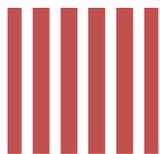
Salles sugere 'ir passando a boiada' para mudar regras durante pandemia. **Poder360**, 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/salles-sugere-ir-passando-a-boiada-para-mudar-regras-durante-pandemia>. Acesso em: 07 de março de 2023.

Yanomamissão um povo diverso e generoso, diz antropólogo que estuda a etnia. **CNN**, 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/yanomamis-sao-um-povo-diverso-e-generoso-diz-antropologo-que-estuda-a-etnia/>. Acesso em: 10 de junho de 2023.

Entenda a crise de saúde entre indígenas Yanomami e o que a devastação na Amazônia tem a ver com isso. **Um Só Planeta**, 2023. Disponível em: <https://umsoplaneta.globo.com/sociedade/noticia/2023/01/23/entenda-a-crise-de-saude->

ISSN: 2448-0916





Revista Interdisciplinar

[entre-indigenas-yanomami-e-o-que-a-devastacao-na-amazonia-tem-a-ver-com-isso](#). Acesso em: 10 de junho de 2023.

'A pior situação humanitária que já vi': os relatos de médico que foi atender os yanomami. **BBC News**, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2023/01/22/a-pior-situacao-humanitaria-que-ja-vi-os-relatos-de-medico-que-foi-atender-os-yanomami.ghtml>. Acesso em: 13 de junho de 2023.

Terra Yanomami é palco de “tragédia humanitária”, dizem especialistas. **Agência Câmara de Notícias**, 2022. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/898328-terra-yanomami-e-palco-de-tragedia-humanitaria-dizem-especialistas/>. Acesso em: 13 de junho de 2023.

